

CONSIDERAÇÕES SOBRE VESTUÁRIOS NAS OBRAS DE ARTE E O MUSEU DE INDUMENTÁRIA DE SOPHIA JOBIM

Graciana P. de Almeida¹
Fabiana P. de Almeida²

O primeiro Museu de Indumentária construído no Rio de Janeiro na década de 60 por Sophia Jobim foi de grande relevância para o cenário carioca. Propomos neste texto apresentá-lo a partir do material visual e literário da Coleção Jobim Magno de Carvalho que se encontra conservado no Museu Histórico Nacional (MHN), no Rio de Janeiro. Ademais, também discutiremos sobre o vestuário nas obras de arte a partir da análise de duas aquarelas específicas: “A dama de Nuremberg” e “Saskia” que faziam parte de seu repertório imagético e que eram manuseadas pelos seus convidados no Museu de Indumentária.

SOPHIA JOBIM MAGNO DE CARVALHO: UM BREVE HISTÓRICO

Sofia Jobim Magno de Carvalho conhecida pelo seu nome artístico, Sophia Jobim, era filha do ilustre magistrado Dr. Francisco Antenor Jobim e Quita Pinheiro Machado. Em São Paulo, Sophia realizou seus estudos primários no Colégio das Freiras Marcelinas, tirando a seguir um curso de professora secundária, na Escola Normal. Posteriormente, continuou seus estudos de aperfeiçoamento pedagógico dedicando-se à Psicologia Experimental, com ênfase na Psicologia do Adolescente. Lecionou em Palmira, Minas Gerais - disciplina História - na Escola Normal Santos Dumont, no Instituto Orsina da Fonseca, no Rio de Janeiro, no Seminário de Artes dramáticas do Teatro Estudante e Conservatório Nacional de Teatro do Mistério da Educação, regendo a cadeira de Usos e Costumes. Foi fundadora e diretora do Liceu Império por 22 anos. Já em 1947, passou a fazer parte do clube soroptimista, que tinha um extremo cuidado com relação às mulheres, além de se reunir para melhorar a vida dos seres humanos. Fez figurinos (Fig.1) para teatro e cinema; Sinhá Moça, Senhora e Édipo Rei, fizeram parte de seu repertório.

1 Mestranda – UERJ e membro do grupo de pesquisa “A recepção da tradição clássica”, sob a orientação da Professora Dr^a Maria C. L. Berbara. Desenvolve estudos referentes ao vestuário e aos com a história da arte.

2 Especialista em Pedagogia Empresarial - Professora da SEEDUC - RJ. Desenvolve pesquisas em acervos cariocas.

Sophia Jobim Magno foi professora de Indumentária Histórica da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) a partir de 1949. Sophia Jobim legou-nos um vastíssimo material didático, literário e visual capaz de fornecer importantes subsídios para uma investigação crítica sobre vestuário com profundos e significativos elos com a história da arte – legado esse pouco explorado no âmbito brasileiro.

Seu grande interesse pelos vários assuntos relacionados ao estudo de Indumentária Histórica ganhava destaques em seus escritos, podemos destacar: pré-história, artes suntuárias, antropologia e etnografia, religiões, simbolismos dos trajes, orientalismo, antigas civilizações desaparecidas e seus trajes, históricos das várias peças dos trajes, tecnologia dos tecidos, história da arte, Brasil histórico e influências europeias, dentre outros - todos eram campos que Sophia dominava com segurança.

Vale salientar que dentro do campo vasto que entendia por Indumentária, Sophia incluía diferentes esferas: arte (processo criador que afeta a sensibilidade do ser humano, com elementos emotivos e intelectuais, ao mesmo tempo), história, sistema, técnica em relação à certa época ou povo, ciência social e o ramo fascinante da etnografia. Sendo assim, os trajes teriam profundas significações, pois não só foram construídos para as necessidades do corpo, mas também do espírito, ou seja, pareciam não apenas um acessório, um envoltório, mas na realidade seriam os mais seguros símbolos das qualidades ocultas de um indivíduo, de uma nação e de uma época.

Particularmente também interessou ressaltar sua insistência na importância de colocar a História da Indumentária como um dos capítulos da Indumentária Histórica. A primeira, a História da Indumentária, seria apenas a análise de um vestuário técnico, sem tecer suas profundas relações com os meios sociais, psicológicos e históricos. A segunda, a Indumentária Histórica, seria mais abrangente e profunda, fixando-se nos biótipos, mas baseando-se em uma pesquisa etnográfica dos caracteres de cada grupo humano e conhecendo a formação étnica de cada raça.

AS VIAGENS DE SOPHIA

Sua vívida curiosidade levou-a a realizar quase trinta anos de pesquisa em museus e escolas especializadas da Europa, da América e da Ásia, dentre os quais se destacam o South Kensington

Museum em Londres, o Musée Carnavelet em Paris, o Metropolitan Museum em Nova York, o Museu Benaki em Atenas e Museu do Cairo no Egito. Nessas viagens pelo mundo, algumas ligadas à atividade profissional de seu marido Waldemar de Carvalho³, Sophia, aprofundou seus estudos.

Ademais, cabe ressaltar que, em suas viagens, ficava conhecendo de forma minuciosa os costumes, a indumentária e até mesmo a culinária local, estabelecendo um conhecimento profundo de cada povo. E, ainda, fez curso de artes plásticas na Central Art School de Londres, no British Institute e na Traphagem School de Nova York.

Com sua vontade de conhecer o mundo ao redor, a coleção de trajes aumentava a cada dia com suas viagens. Já em sua residência em situações sociais, principalmente em seus jantares temáticos, Sophia, mostrava para seus convidados, os itens adquiridos, que passaram a fazer parte de sua coleção. Foi então a que surgiu a iniciativa de criar o primeiro Museu de Indumentária, no Rio de Janeiro.

O MUSEU DE INDUMENTÁRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDOS SOBRE VESTUÁRIOS.

No alto de Santa Tereza, em sua própria residência (RJ), Sophia criou o primeiro Museu de Indumentária. Sua inauguração aconteceu 15 de julho 1960 (Fig.2) e contou a presença do governador Sette Câmara, além de um grande número de intelectuais e acadêmicos da elite carioca, assim como a mídia; que comparece em peso. Os convidados foram recebidos pelas senhoritas Munira Handan, Quita Jobim (sobrinha de Sophia que sempre a acompanha), Hiroco Izumita e Rosa Maria, todas interessadamente vestidas com trajes típicos de diferentes países.

Era um museu inédito no âmbito brasileiro, com trajes de diversos países, antigos e contemporâneos. De forma curiosa surgiram inicialmente os seguintes questionamentos: Qual seria a intenção de Sophia com a criação do Museu de Indumentária? De que modo organizava espacialmente seu museu? Quais os critérios de seleção de suas peças? O que aconteceu com o museu após seu falecimento em 1968? Todas estas questões e suas precisas respostas são essenciais para a compreensão de nos estudos referentes ao Museu de Indumentária e que responderemos ao longo do texto.

Notavelmente, Sophia Jobim, fez de sua casa um pequeno e importante centro cultu-

3 Engenheiro com importantes trabalhos no âmbito brasileiro e no exterior.

ral. Ela isolou um único andar para expor todos as suas peças, no entanto, seu acervo de trajes e objetos era grandioso e tomou toda a casa; em cada pequeno espaço existia um manequim exposto. É possível pensar que Sophia tinha um desejo vivo de mostrar sua coleção não só para amigos e parentes, e sim para toda a sociedade carioca.

Cabe ainda destacar a sua biblioteca especializada, que também fazia parte do museu; eram livros raríssimos, em diversos idiomas arrecadados por Sophia nas viagens pela Europa e pelo Oriente; tais como: culinária, história da arte, educação e principalmente sobre vestuário de autores. Podemos destacar Viollet-Le-Duc, François Boucher, Cesare Vecellio; dentre outros. Um verdadeiro privilégio para alunos de Sophia que costumavam frequentar o Museu de Indumentária.

Nas vitrines, era possível visualizar a coleção de bonecas e bonecos típicos de diversos países, sobrinhas, leques, e outros adereços. Tudo era catalogado em pequenas fichas que ela criava. Nas fichas discriminava: o nome do traje, sua origem, procedência, uma breve descrição do traje, e curiosamente o contexto histórico.

Nos manequins distribuídos pelo museu expunha trajes femininos e masculinos, do clássico ao exótico, do antigo ao contemporâneo, do ornamentado ao simples. Era a maioria trajes sociais e regionais legítimos de diferentes épocas e lugares; a maioria adquiridos pela própria Sophia em suas viagens.

Sophia obteve e divulgou um acervo de vestuário como nunca visto no Rio de Janeiro. Faziam parte de seu repertório trajes, tais como: peitoral da Índia da tribo Yumbo do Equador; adornado com casca de árvores e pássaros embalsamados, traje do Imperador Chinês; bordado em seda e fio de ouro com símbolos decorativo e dragões; traje da noiva Alemã, predomínio das cores verde e preto, típico da aldeia de Schwaln, traje da noiva da China antiga; bordado ouro com o pássaro fênix e traje da noiva da China moderna; bordado e feito em linhas de seda com a ave “grou”, cuja é sagrada representa a longevidade na China.

No museu, os visitantes também podiam manusear suas aquarelas de trajes. Era um conjunto de aquarelas incríveis, em sua maioria em formato A4 com personagens isolados, que desvendavam indumentárias históricas, trajes típicos e regionais, figurinos teatrais, figurinos alegóricos e nus artísticos. Podemos destacar as aquarelas de trajes de dois grandes nomes na pintura, reproduzida por Sophia: “*Saskia*”, retrato da esposa de Rembrandt, o qual Sophia destaca a questão da veracidade do traje em obras de arte, e “*A dama de Nuremberg*”, cópia da aquarela de Dürer.

Na aquarela de Saskia (Fig. 3), esposa de Rembrandt, Sophia demonstra uma opção plástica cuja visualidade clássica e acadêmica que é imediatamente perceptível. A aquarela sem nenhuma moldura é elegantemente, composta apenas por Saskia de corpo inteiro numa rica indumentária, a qual se apresenta sem fazer parte de nenhum cenário. O vestido vermelho tem caimento perfeito, a saia termina em cauda, as mangas são tufadas e curtas. Sob o mesmo, provavelmente outro vestido com a blusa em tecido brocado, decote redondo, mangas muito largas e compridas. Ainda sob este outro em tecido branco com punhos justos ornados com contas. Sendo, a gola formada por pequenos tufos, em fileira, também de contas. Da cintura prende o cinto joia. Na cabeça um dos adornos mais usados pelas mulheres, não como necessidade, mas como elegância; chapéu vermelho de abas largas, com plumagens brancas. Outros objetos de adorno acompanham o traje.

Notavelmente colorido é explorado sutilmente no vestuário. Sophia vale-se de um refinamento visualmente penetrante. A imagem, de fato, é marcada extremamente pelo requinte dos detalhes que chama atenção do observador. Quanto à textura dada ao tecido reafirma seu caráter predominantemente minucioso.

Cabe destacar que referente à aquarela em questão foi possível encontrar no escrito de Sophia considerações sobre Rembrandt. Segundo Sophia, o artista em seu sonho de grandeza retratava sua amada esposa em trajes “principescos” e fantasiosos que ela nunca usou. Sendo assim, destacava que deveriam ser usados com critérios os “documentos” dos artistas e dos poetas, pois suas fantasias poderiam não retratar o vestuário fiel da época. Segundo a mesma, era preciso que o Indumentarista já tivesse adquirido um sólido conhecimento da evolução do vestuário, nas suas várias etapas históricas, estudando minuciosamente os grandes eventos sociais durante aquele período, acompanhando de perto o constante desenvolvimento econômico de suas indústrias. Diante desse contexto, permitia que o especialista pudesse separar, com critério, entre as inúmeras obras que as imensas galerias de retratos antigos ofereciam aquelas que constituíam verdadeiras documentações da época em que viveram seus artistas. Ao investigar através da história da arte, particularmente, Sophia demonstrava em suas aquarelas um vestuário que buscava novos questionamentos e assumindo uma ligação profunda com a história da arte.

Já a aquarela de “A dama de Nuremberg” (Fig. 4) é uma cópia da aquarela “De Nuremberg no Vestido de dança” do célebre artista, Albrecht Dürer (Fig.5). Sophia apenas contri-

buiu com algumas alterações nas cores da vestimenta, tornando-as mais viçosas se compradas com o colorido mais sutil de Dürer. A aquarela sem nenhuma moldura apresenta a personagem isolada, levemente, em posição lateral na prancha, sendo possível perceber os detalhes de partes específicas do vistoso traje regional (característica de Dürer para observar o vestuário de vários pontos de vista). Este traje é pouco ornamentado em pedrarias e com poucos adereços, porém com riqueza de tecido em veludo verde. Quanto à parte superior do vestido de dança da dama de Nuremberg, é justa ao corpo com decote em “V” com uma pequena presilha unindo os dois lados. Sob o mesmo, outro tecido na cor branca em decote redondo a complementa. Em relação à longa saia, é possível observar a abundância de tecido. Já as mangas são longas e justas. Sobre a mesma outra aberta e pendente com barra branca, tão comprida que recai sobre as mãos da personagem da imagem. Na cabeça, o curioso adorno em linho que esconde todo o cabelo.

Vale considerar que na sua segunda metade do século XV, a cidade de Nuremberg era muito próspera e comercializava com a Ásia e a Itália, sofreu influências no vestuário por parte de Itália e contribuiu com roupas específicas. No vestuário alemão foi possível observar características góticas e também um desenvolvimento nas particularidades regionais. Como exemplo, os adornos de cabeça visivelmente demonstrados nas aquarelas sobre vestuário de Dürer. O adorno pode causar estranhamento num primeiro momento, porém, trata-se, de fato, de um costume alemão do século XV.

É possível encontrar vários outros estudos do artista Dürer acerca do vestuário, os quais demonstram sua preocupação em analisar as vestes a partir de vários pontos de vista. Dürer parecia agradar Sophia, especialmente, seu desenho minucioso, bem como a estratégia de combinar em uma única imagem, diferentes visadas sobre a figura, especificando detalhes do traje usado. Na aquarela em que retrata Queen Mary (Fig.6), Sophia adota esse procedimento narrativo já utilizado por Dürer em um de seus estudos de vestimenta, intitulado “*Uma Veneziana*” (Fig.7).

Do lado esquerdo, Sophia destaca o busto de Queen Mary, chamando atenção para a gola e o decote alto, bem como para a joia que a identifica como parte da nobreza. Já do lado esquerdo há uma miniatura do vestuário em grafite, referente ao lado de trás, destacando o toucado preto e sintetizando as linhas gerais do panejamento. Na imagem central, a rainha traja um longo vestido preto, com abertura em “V” invertido na parte inferior (saia), deixando aparente um rico

tecido, brocado em dourado como motivo floral, indicando sua elevada posição social. Quanto às mangas, são justas na altura dos ombros, alargando-se na articulação do cotovelo até formar uma grande abertura em ponta que deixa entrever outra manga, em tecido brocado que termina em renda branca presa aos punhos. Já a pequena gola rendada envolve a nuca ligando-se ao decote alto em “V” fechado por um camafeu. Na cabeça, um toucado na cor preta. Da cintura pende um cinto terminado por outra joia.

Tal como na aquarela “Dama de Nuremberg”, percebe-se que Mary - também retratada isoladamente - teria posado para o retrato, estudando cuidadosamente as suas vestimentas. Mais do que simplesmente exibir seus trajes elegantes, a rainha exibe a sua própria realeza, construída pela vestimenta. O que exige uma investigação mais atenta de todas as circunstâncias histórico-sociais envolvidas.

Particularmente, podemos imaginar, com algum grau de certeza, que Sophia Jobim viu muitas dessas obras do artista renascentista, pois viajou para vários países em busca do enriquecimento de sua coleção. Sua intenção com suas aquarelas, desenhos e escritos era de escrever seu próprio livro de indumentária, porém se houve tempo.

Em 1967, Sophia adoeceu, mas antes de sua morte, solicitou que fotografassem todo o acervo do museu. O que possibilitou-nos uma melhor visualização para o entendimento de seu trabalho. Sozinha, sem filhos e já sem seu companheiro de vida, Sophia, morreu em 1968 de embolia pulmonar num hospital público no Rio de Janeiro. Em testamento, Sophia, deixa escrito a doação de seus materiais para o Museu Histórico Nacional (MHN) e no mesmo ano do seu falecimento, seu irmão Danton Jobim faz a transição. Particularmente, seu desejo era de possibilitar futuras pesquisas de um material valioso. Cabe ressaltar que foi possível perceber que talvez, como a doação não foi feita com ela viva, podem não ter sido feita a transferência total da peças, como os bens de valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sophia deixou-nos um material imagético e literário que requer aprofundamentos, trazendo novas e pertinentes considerações de pontos ainda almejados. O Museu de Indumentária

inexistente, hoje, em Santa Tereza permitiu fazer de Sophia a precursora de um acervo que contribuiu para o campo da moda no âmbito brasileiro. Sua conservação e disponibilidade para pesquisa, atualmente, no Museu Histórico Nacional possibilitam para aqueles que admirem o tema, indumentária, conhecerem um pouco mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKER, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.

BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. Tradução por André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CARVALHO, Sophia J. Magno. **O que é a indumentária histórica: palestra realizada na E.N.B.A.** Sophia J. Magno Carvalho. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1960.

RISEIRO, Maria Laura. DYER, Emília. BORNAY, Clóvis. **Indumentária – Arte e Documento**. Folheto do Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro, 1970.

VIANA, Fausto. **Sophia: Pioneirismo no estudo de indumentária no Brasil**. Anais do Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro, v.44, p.243 – 261, 2012.

Inventário Analítico da Coleção Sophia Jobim Magno de Carvalho, do Museu Histórico Nacional, elaborado por Rosângela Bandeira - Arquivo Histórico.

Recortes de Jornais que está no livro de Sophia - Arquivo Histórico.



Figura 1
Ibram/MinC nº232.470
Museu Histórico Nacional/ Arquivo Histórico
Coleção Sophia Jobim
Sophia Jobim modelando



Figura 2
Ibram/MinC nº 112.194
Museu Histórico Nacional/Arquivo Histórico
Coleção Sophia Jobim
Inauguração do Museu de Indumentária



Figura 3
Ibram/MinC nº 111.974
Museu Histórico Nacional
Arquivo Histórico
Coleção Sophia Jobim
Saskia
Guache, lápis sobre papel



Figura 4
Ibram/MinC nº 111.952
Museu Histórico Nacional
Arquivo Histórico
Coleção Sophia Jobim
A Dama de Nuremberg
Guache, lápis sobre papel



Figura 5
Albrecht Dürer / Nuremberg 1471 - 1528
Gallery Albertina Museum
De Nuremberg no vestido de dança
Aquarela, caneta preto-cinza



Figura 4
Ibram/MinC nº 111.952
Museu Histórico Nacional
Arquivo Histórico
Coleção Sophia Jobim
A Dama de Nuremberg
Guache, lápis sobre papel
Museu Histórico Nacional
Arquivo Histórico



Figura 5
Albrecht Dürer / Nuremberg 1471 - 1528
Gallery Albertina Museum
De Nuremberg no vestido de dança
Aquarela, caneta preto-cinza



Figura 6
Ibram/MinC nº111.969
Coleção Sophia Jobim
Queen Mary
Guache, lápis sobre papel
Museu Histórico Nacional
Arquivo Histórico



Figura 7
Albrecht Dürer
Uma Veneziana
Caneta e cinza e pincel, tinta preta
Gallery Albertina Museum